



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da Educação [ST]

TRANSIÇÕES E PERCURSOS DE ALUNOS DISTINGUIDOS NA ESCOLA PÚBLICA

TORRES, Leonor

Doutora em Educação – Organização e Administração Escolar

Universidade do Minho

leonort@ie.uminho.pt

PALHARES, José

Doutor em Educação – Sociologia da Educação

Universidade do Minho

jpalhares@ie.uminho.pt

Resumo

A implementação de *quadros de valor, mérito e excelência* nas escolas portuguesas, nos quais se distinguem os alunos com comportamentos e desempenhos académicos exemplares, constitui o ponto de partida desta comunicação. Num primeiro momento, pretendemos abordar o processo de transição dos alunos distinguidos para o ensino superior. No momento seguinte, incidiremos o nosso olhar sobre as disposições destes jovens face ao *ofício* de aluno, aos atores e às instituições que marcaram os seus percursos e às expectativas que nortearam os diversos investimentos académicos. Os dados empíricos foram recolhidos no âmbito de um *estudo de caso* numa escola secundária do Norte de Portugal. Em relação aos alunos já ingressados no ensino superior e para aqueles que já concluíram este nível de ensino, tentaremos refletir sobre o grau de ajustamento destas experiências às expectativas inicialmente formuladas e/ou subsumidas nos sentidos das respostas e nas opções declaradas face ao futuro. Dos dados já obtidos, concluímos que a distinção académica parece escapar às lógicas do destino social, sendo a excelência escolar também visível em jovens de classes sociais mais baixas; concluímos também que estes percursos de excelência não têm na atualidade uma recompensa efetiva no acesso ao mercado de trabalho; e dentro do foco principal desta comunicação denotamos ainda a existência de transições não-lineares entre o secundário e o superior, designadamente no acesso ao curso pretendido e ao desempenho académico neste nível de ensino.

Abstract

The implementation of excellence board in Portuguese schools, in which students with exemplary behavior and academic performance are distinguished, is the starting point of this communication. Initially, we intend to address the transition process of distinguished students for higher education. The next moment, we will focus our attention on the attitudes of these young in relation to the student work, actors and institutions that marked their paths and expectations that guided the various academic investments. Empirical data were collected as part of a case study in a secondary school in Northern Portugal. Regarding students have entered higher education and for those who have graduated high school, we try to reflect on the degree of adjustment of these practices to the expectations initially raised in the responses and options for the future. The data already obtained, we conclude that academic distinction seems to escape the logic of social destiny, with the excellence school also visible in youth from lower social classes; also conclude that these pathways of excellence have nowadays an effective reward in access to the labor market; and within the main focus of this communication also denote the existence of nonlinear transitions between secondary and higher education, particularly in access to desired course and the academic performance at this level of education.

Palavras-chave: Excelência académica; ritual de distinção; percursos escolares.

Keywords: Academic excellence; ritual distinction; school trajectories

1. Nota introdutória¹

A recuperação da ideologia meritocrática como um dos princípios estruturantes da agenda educativa, associada ao incremento de estratégias de controlo e prestação de contas, tem pressionado as escolas para a produção de resultados. A instituição dos *quadros de excelência, valor e mérito* na escola pública (cf. despacho normativo nº102/90, de 12 de setembro) constitui a expressão visível desta preocupação, cada vez mais inscrita na ação político-pedagógica das escolas e agrupamentos de escolas e a multiplicar, conseqüentemente, rituais de distinção.

Embora inscrita numa abordagem mais ampla do fenómeno da excelência escolar, esta comunicação circunscreve-se à análise dos percursos e das transições dos alunos distinguidos do quadro de excelência de uma escola secundária, procurando discutir as suas experiências, trajetórias e expectativas. Trata-se de compreender se as experiências escolares destes alunos interferiram na forma como construíram os seus percursos escolares; se a transição para o ensino superior constitui mais uma etapa num percurso contínuo de excelência, ou se, pelo contrário, é pautada por condicionalismos de diversa ordem; e, por último, em que medida as expectativas destes alunos “excelentes” são objetivamente concretizadas no ensino superior.

Após um breve enquadramento das estratégias metodológicas adotadas, privilegia-se a discussão de alguns resultados de investigação à volta de três tópicos: processo de transição para o ensino superior, percurso no ensino superior e expectativas face ao futuro.

2. A metodologia adotada

Partindo de um estudo de caso numa escola secundária do norte de Portugal, centrado no universo dos estudantes que nos últimos dez anos figuraram no quadro de excelência e que obtiveram a média igual ou superior a 18 valores nos resultados escolares, pretende-se caracterizar este grupo de alunos e compreender os sentidos dos percursos escolares no ensino secundário e a sua transição para o ensino superior.

O estudo incidiu, num primeiro momento, sobre a construção do perfil sociográfico de 448 “alunos excelentes”, com base na informação obtida nos registos biográficos. Numa fase posterior, avançou para a localização dos estudantes no par instituição/curso do ensino superior, através de uma pesquisa, caso a caso, na página da Direção-Geral do Ensino Superior, de modo a mapear os distintos percursos escolares. Seguiu-se a administração de um inquérito por questionário ao universo dos alunos laureados desde o ano letivo de 2003-2004, tendo sido recolhidas 209 respostas – 59 questionários foram autoadministrados na forma clássica e 150 foram preenchidos *online*. Estes inquéritos são idênticos, compostos por perto de 60 questões (270 variáveis), tendo ambos sido adaptados ao atual percurso académico dos inquiridos: o primeiro para os alunos que ainda frequentavam a escola e o segundo para alunos que ingressaram no ensino superior ou que já exerciam uma atividade profissional.

3. Processo de transição dos alunos distinguidos para o ensino superior

Terminado o ciclo secundário de escolaridade, a grande maioria dos alunos distinguidos no quadro de excelência transita para o ensino superior. Porém, a linearidade que seria suposto existir no processo de transição não se verifica; pelo contrário, já antes se constatou alguma intermitência na continuidade de uma parte dos alunos entre os distinguidos (cf. Palhares, 2014), bem como se denotaram algumas discrepâncias entre as classificações internas e os resultados dos exames. Mesmo assim, após localizarmos a situação dos alunos que se candidataram ao ensino superior público, com auxílio do motor de busca da Direção-Geral do Ensino Superior, foi com alguma surpresa que observamos a não concretização de muitas das expectativas depositadas na escolha do curso e do par curso/estabelecimento de ensino superior. Apenas 54% dos alunos em questão entraram no curso/instituição escolhidos como 1ª opção, muito embora muitos dos que integraram a parcela do

gráfico 1 que se reporta à 2ª opção de ingresso tenham, efetivamente, entrado no curso pretendido mas não na instituição preferida.

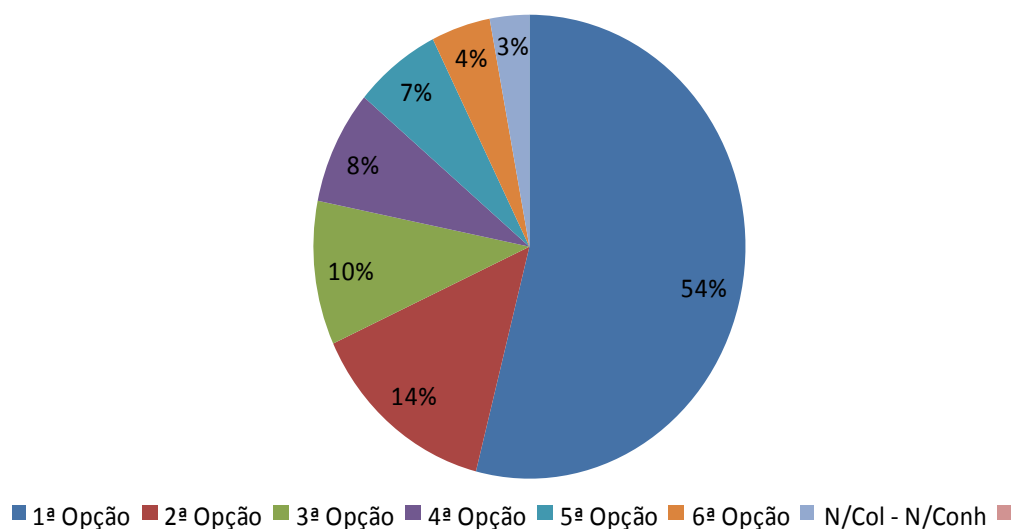


Gráfico 1 - Opção de acesso ao ensino superior. Fonte: Direção Geral do Ensino Superior (<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/>)

Se outrora o *numerus clausus* constituiu um mecanismo mais efetivo de triagem dos candidatos ao ensino superior, na atualidade, embora persistindo na seriação e seleção dos alunos, a sua eficácia tende a repercutir-se sobretudo nos cursos mais pretendidos e socialmente mais valorizados. O contingente dos alunos que entrou em segunda e terceira opções, observado no gráfico 1, candidatou-se maioritariamente ao curso de Medicina, relativamente ao qual a concorrência se situa nos níveis superiores da excelência dos resultados. E neste sentido, a seletividade e competitividade induzidas pelo *numerus clausus* tornam-se na atualidade mais sentidas entre aqueles que mais investiram no “ofício do aluno” (Perrenoud, 1995) e mais bem se ajustaram aos cânones da cultura escolar (cf. Torres, 2014). Se para alguns as expectativas foram apenas mitigadas pelo facto de não terem entrado na instituição desejada, não obstante terem concretizado o ingresso no curso pretendido, porém, para muitos outros alunos “excelentes” este processo deu lugar, porventura, a frustrações e sentimentos de injustiça, não vendo reconhecidos os seus esforços e a sua aplicação no percurso escolar precedente. Como consequência, observamos que muitos alunos desenharam várias estratégias para contornar este condicionalismo, que passaram, entre outras, por se recandidatarem a outras fases de acesso no mesmo ano e em anos subsequentes; por cursarem a licenciatura pretendida no estrangeiro; por realizarem novamente as disciplinas específicas e repetirem os exames; por frequentarem o curso ingressado e mais tarde procederem à mudança de curso; etc. O objetivo destes alunos é refazer o percurso por si definido, mas esta “procura de si mesmo” poderá ter implicações não previstas na forma como se irão posicionar face aos estudos superiores.

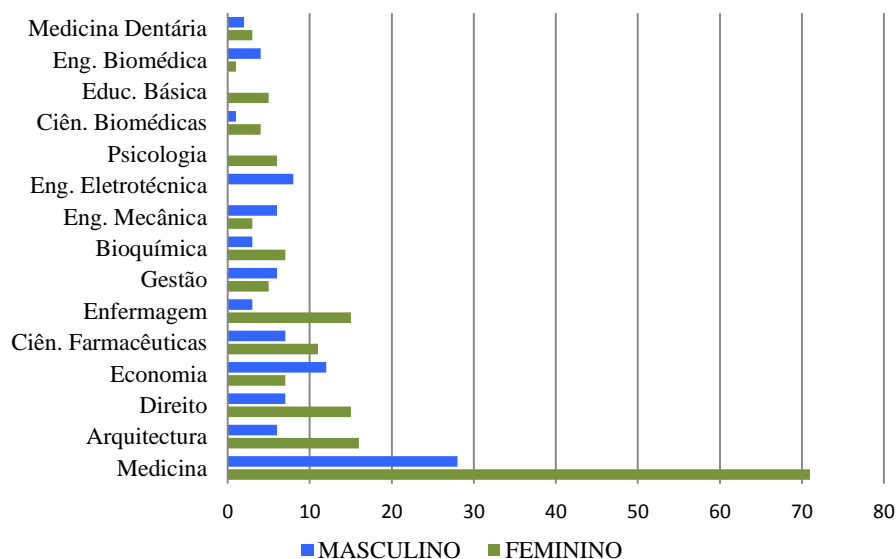


Gráfico 2 - Curso superior por género (15 cursos mais ingressados). Fonte: Direção Geral do Ensino Superior (<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/>)

O gráfico 2 é elucidativo quanto ao alvo privilegiado dos alunos distinguidos: a Medicina destaca-se como o curso onde os alunos mais ingressaram, sendo secundado, mas a larga distância, pelos cursos de Arquitetura, Direito e Economia.

Em relação aos cursos mais procurados pelos alunos “excelentes”, segundo o género, observa-se um maior número de raparigas a pretender ingressar no curso de Medicina, apesar de ser o curso mais procurado, também, pelos rapazes. O gráfico 2 evidencia uma maior propensão de escolhas das raparigas por cursos da área da saúde (Medicina, Enfermagem, Ciências Farmacêuticas), seguido dos cursos de Arquitetura e de Direito. As escolhas dos rapazes direcionam-se, para além do curso de Medicina, para os cursos na área da Gestão e Engenharias.

4. Trajetórias dos alunos “excelentes” no ensino superior

Com o intuito de compreender as trajetórias pós-secundárias dos alunos distinguidos, foi administrado um inquérito por questionário a 150 alunos, de modo a conhecer as suas expectativas e representações no processo de transição para um grau superior de escolaridade, tendo em conta, designadamente o seu desempenho académico, a sua adaptação a diferentes contextos e metodologias de ensino e aprendizagem, o seu grau de satisfação, as suas perspetivas face ao futuro, entre outras variáveis pertinentes.

Questionaram-se os alunos sobre a avaliação que fazem dos seus níveis de desempenho académico no ensino superior, sendo que a generalidade dos inquiridos (56%) classificou-o de “Bom”, seguindo-se, a grande distância, a classificação de “Muito bom” (20%). Por outro lado, a percentagem de alunos que classificaram o seu desempenho como “Excelente” foi significativamente baixo, sendo mesmo residual (0,7%) e inferior ao número de alunos que avaliaram o seu desempenho como “Insuficiente” (1,3%) (cf. gráfico 3).

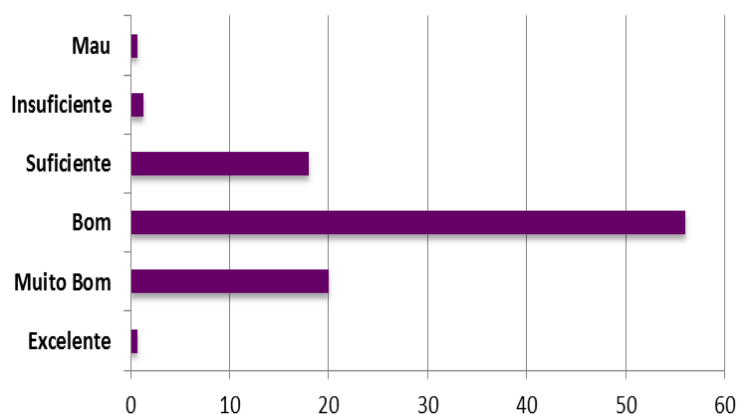


Gráfico 3 - Nível de desempenho dos estudantes no ensino superior (N=145). Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2012.

Perante a observação destes dados, ressalta uma descontinuidade do nível de desempenho académico por parte destes alunos, não se concretizando uma correspondência entre o estatuto de excelência atribuído no ensino secundário e sua efetivação no ensino superior. Este facto é ainda mais acentuado quando analisamos a média aproximada das suas classificações no ensino superior. Os resultados apurados evidenciam que os alunos com classificações iguais ou superiores a 18 valores no ensino secundário obtêm, predominantemente, no ensino superior uma classificação média de 13-14 valores (39,6% rapazes; 50% raparigas), seguindo-se a classificação entre os 15-16 valores (39,6% rapazes; 34,8% raparigas). Somente um número reduzido de alunos (4,2 rapazes; 4,3% raparigas%) admitiu estar a obter uma média entre os 17-18 valores, não existindo nenhum aluno que tenha referido a obtenção de uma média superior a 18 valores (cf. Gráfico 4).

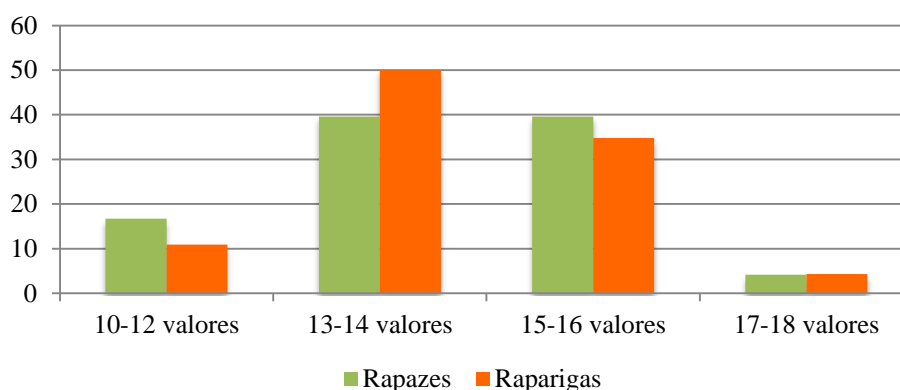


Gráfico 4 – Média no ensino superior por género (N=145). Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2012.

Não dispondo no presente momento da investigação de dados que ajudem a compreender esta descontinuidade, no entanto, e em jeito de hipóteses de trabalho, várias razões poderão ser aludidas, quer tomadas isoladamente quer de forma conjugada: a não linearidade das modalidades de ensino-aprendizagem entre os dois graus de ensino, o que pode ocasionar uma rutura com as práticas de estudo e com a relação com o conhecimento; a existência de diferenças nas formas institucionais de sucesso e o respetivo enquadramento político-pedagógico na produção de resultados escolares; assegurada a meta da entrada no ensino superior e no curso pretendido, os estudantes podem gerir melhor agora as distintas solicitações académicas, pessoais e sociais, desinvestindo nos resultados e focalizando-se tão-somente no diploma; o

ingresso no ensino superior funcionando como uma conquista de autonomia e de afrouxamento do controlo familiar dos seus quotidianos. Muitas destas asserções intercetam, aliás, muitos dos sentidos interpretativos conferidos por Almeida e Vieira (2008) no trabalho sobre as transições para o ensino superior, pois esta “[...] requer ajustamentos e novas aprendizagens, implica redefinição do ofício do estudante. No caso da entrada para o ensino superior, essa transição é particularmente contrastante: o jovem inscreve-se num novo contexto institucional menos enquadrador, numa nova rede de sociabilidades por vezes estranha e transita para um espaço de maior liberdade e autonomia” (p. 8).

O desempenho académico destes alunos no ensino superior pode não significar uma menor satisfação em relação ao curso, à sua organização e mesmo aos dividendos futuros a nível de inserção profissional. Quando questionados sobre a avaliação que fazem da articulação do curso com o mercado de trabalho, 32,4% dos inquiridos respondeu estar “bastante satisfeito” e 23,4% “muito satisfeito”. Longe de se encontrarem consensos entre estes alunos, o facto de constituírem o escol do ensino secundário não evita a preocupação manifestada com o mercado de trabalho, de tal modo que 27,6% dos inquiridos estão “apenas” “satisfeitos” com a articulação do seu curso com o mercado de trabalho e 16,6% consideram mesmo estar “nada ou pouco satisfeitos” (cf. gráfico 5).

No que diz respeito às oportunidades concedidas pelos cursos/instituições no desenvolvimento de atividades de investigação, 19,4% dos inquiridos respondeu estar “pouco satisfeito” e 3,3% “nada satisfeito”. A maioria dos alunos (44%) nesta dimensão de análise considera-se somente “satisfeito”. Os resultados apurados revelam a existência de um hiato entre as expectativas idealizadas e as vivências que estes alunos experienciam no ensino superior, se tivermos em consideração as projeções/expectativas que os colegas que ainda frequentavam o ensino superior manifestaram no preenchimento do mesmo questionário (ver à frente quadro 1).

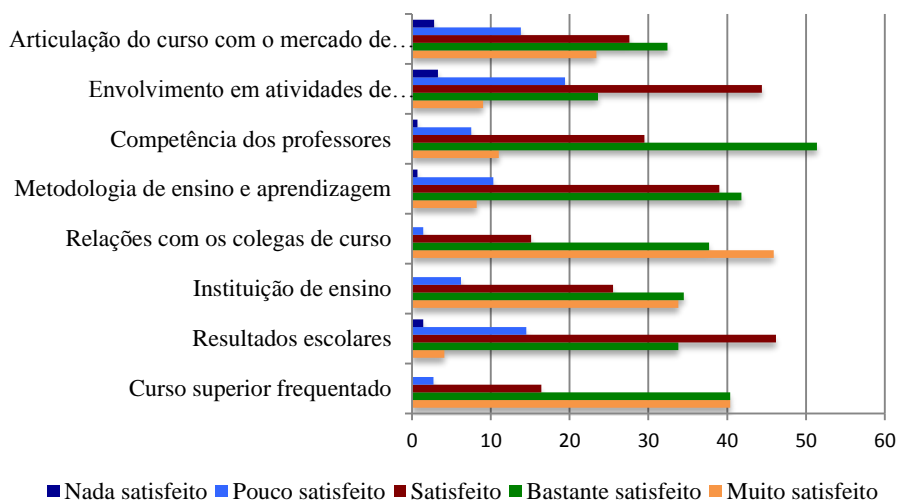


Gráfico 5 – Grau de satisfação dos alunos (N=141). Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2012.

O grau de satisfação dos alunos quanto às competências dos professores do ensino superior perfaz 51,4% na categoria “bastante satisfeitos” e 11% na categoria “muito satisfeitos”. Estes dados podem indiciar que os alunos não atribuem aos professores a responsabilidade do seu menor desempenho académico. Aliás, 46,4% dos inquiridos considera estar apenas “satisfeito” com os seus resultados escolares.

Os dados evidenciam que apenas 8,2% dos inquiridos consideram estar “muito satisfeitos” com a metodologia de ensino-aprendizagem no ensino superior; 10,3% consideram estar mesmo “pouco satisfeitos” e 39% classificam-se como “satisfeitos”. Os dados podem remeter para dificuldades dos alunos a nível de um ensino menos “reprodutor” e mais “crítico” de conteúdos.

Por último, os alunos revelam estar mais satisfeitos com o curso que escolheram do que com a instituição do ensino superior que frequentam. Este facto está relacionado com o seu processo de transição, uma vez que muitos dos alunos “excelentes”, como atrás referimos, não ficaram impossibilitados de frequentar o curso desejado, mas sim da instituição pretendida. A disrupção entre curso pretendido e instituição desejada pode ser um fator desestabilizador no percurso académico de muitos destes alunos.

5. Expectativas face ao futuro

Quisemos, por fim, apreender as expectativas face ao futuro dos alunos distinguidos, tanto daqueles que ainda frequentavam o ciclo de escolaridade secundária (n=59), como dos que já tinham ingressado no ensino superior e/ou que estavam já na condição de diplomados (n=150). Para tal, estabeleceu-se uma comparação a nível de 15 variáveis entre as respostas fornecidas por ambos ao inquérito por questionário, que denominamos, respetivamente, de “Geração Secundária” e “Geração Superior”.

O quadro 1 evidencia uma diferença na conceção de vida futura entre as duas *gerações*. A “Geração Secundária” quando questionada sobre o seu projeto de vida futuro valoriza aspetos que estão relacionados com o que perceciona de vocação, ou seja, a generalidade dos inquiridos espera exercer uma profissão em relação à qual se sentem vocacionados, que passa, para muitos, por uma carreira ligada à investigação científica, assente num constante prolongamento dos estudos (mestrado, doutoramento, pós-doutoramento). Para a sua concretização, desejam manter os seus níveis de excelência escolar no ensino superior. Estamos em presença de uma *geração* que projeta os seus sonhos através do esforço, dedicação, empenho, fazendo depender o seu futuro do elevado desempenho académico. Os dados apresentam um imaginário idealizado, sem constrangimentos e barreiras, presos a uma conceção linear de uma transição académica e social já há muito empiricamente refutada (cf. Pais, 2001).

	Geração Secundária	Geração Superior
Manter os meus níveis de excelência escolar no ensino superior	+	-
Constituir família e ter filhos	=	=
Exercer uma profissão fora de Portugal	+	-
Viver sempre na Póvoa de Varzim ou proximidades	=	=
Desenvolver uma carreira ligada à investigação científica	+	-
Enveredar por uma carreira política	=	=
Estabelecer-me por conta própria e criar a minha própria empresa	-	+
Mesmo que não corresponda à minha vocação, exercer uma profissão que me permita ganhar muito dinheiro	-	+
Prolongar os meus estudos para além da licenciatura (mestrado, doutoramento, pós-doutoramento)	+	-
Agarrar-me à primeira oportunidade de emprego, porque o mercado de trabalho está cada vez mais difícil	-	+
Viver com a minha família o mais tempo possível	+	-
Investir noutras aprendizagens para além da carreira profissional que optar	=	=
Realizar os meus sonhos custe o que custar	+	-
Dedicar algum tempo da minha vida à prática de atividades de natureza voluntária e solidária	-	+
“Gozar” a vida nos limites	-	+

Quadro 1 - Projetos de vida futura por geração. Distinguidos a frequentar o secundário (n=59) e distinguidos a frequentar o superior (n=150). Fonte: Inquérito por questionário aos alunos do quadro de excelência 2003-2012.

Do lado oposto, surge a “Geração Superior” marcada pelas experiências vividas no ensino superior e que projeta o seu futuro num pragmatismo exacerbado. Estes alunos outrora “excelentes” esperam, sobretudo, garantir o seu lugar no mercado de trabalho, sem ilusões de orientação vocacional. Pela sua experiência, o desempenho académico excelente não é sinónimo de ganhar dinheiro e as “portas” da tal almejada carreira ligada à investigação científica nunca se abriram. Da análise do quadro 1, depreende-se que estes alunos encontram-se, de alguma forma, desiludidos com o mundo que os rodeia e poderão, eventualmente, equacionar-se situações de algum desencanto com o investimento escolar que debitaram no percurso do ensino secundário. Na ausência de dados que sustentem este cenário, quanto muito poderemos interrogar se o sentido atribuído ao item “Gozar a vida nos limites” não significará uma reconfiguração dos seus comportamentos face à carreira académica e a incorporação de práticas de lazer e fruição que tendem a caracterizar a atual cultura dos estudantes universitários. No fundo, cumprido, para muitos, o objetivo de ingresso no curso desejado, o novo ciclo académico funcionaria simultaneamente como um período de alguma descompressão face às exigências da trajetória escolar anterior e como uma fase de experientiação a diversos níveis. Esta fase, não necessariamente vivida de igual forma ou com a mesma intensidade por todos aqueles que tiveram um percurso singular no ensino secundário, funcionará como uma espécie de *carnavalização* da condição estudantil, antes do embate com os desafios da procura e da conquista de um lugar no mercado de trabalho.

6. Considerações finais

Os resultados apresentados nesta comunicação convidam à reflexão em torno de três aspetos fundamentais: o papel das escolas e das famílias na produção da excelência; o processo sinuoso e não-linear dos percursos e das transições do ensino secundário para o ensino superior; e as vivências e reconfigurações das identidades estudantis no contexto do ensino superior.

Os trabalhos por nós produzidos a partir do contexto e das práticas de distinção académica numa escola pública portuguesa têm evidenciado o carácter multifacetado do processo da construção da excelência escolar. O olhar sobre as transições para o ensino superior que aqui encetamos pôs novamente em evidência a dificuldade em isolar variáveis determinantes, ou pelo menos sobredeterminantes, na compreensão de uma relação causal nesse processo. A constatação em elevado número de alunos distinguidos provenientes de famílias de condições socioeconómicas mais desfavorecidas – ou de mais baixo capital económico e cultural, na terminologia bourdieusiana –, acrescenta maior espessura sociológica a este fenómeno educativo, na medida em que interpela um certo senso-comum pedagógico que se vem incrustando nos modos de pensar o sucesso educativo e, num certo sentido, justificando os raciocínios apriorísticos construídos em torno da inevitabilidade de um destino social marcado pela condição de origem. O rompimento com as trajetórias atribuídas pela classe social vem trazer a necessidade de se repensar as dimensões simbólicas e culturais das distintas predisposições face à escola e ao valor do diploma na posse dos diversos sujeitos, em última instância, induzir o debate sobre o efeito da democratização da educação escolar na multiplicidade dos lugares e das condições. E continuando-se a supor o papel determinante da família na permanente (re)orientação das trajetórias dos seus filhos, tão pouco se pode ignorar o papel central que estes têm na sua concretização e definição. No fundo, a distinção académica que lhe foi atribuída pela escola resultou sobretudo de um trabalho de subjetivação da cultura escolar, uma descoberta do seu lugar na instituição, na interiorização das suas normas e uma transformação da sua individualidade num ator-arquétipo das finalidades deste tipo de educação. Mas a aludida complexidade também reclama o seu quinhão compreensivo no modo como a escola se organiza e desenvolve estratégias conducentes à obtenção dos melhores resultados interna e externamente. O facto de as organizações escolares instituírem práticas de distinção académica e a partir destas alavancarem as dinâmicas de sucesso nos resultados, introduz neste debate a necessidade de se ponderar o seu papel (ou o designado *efeito-escola*), pois, na generalidade das situações, é a escola que reclama para si os louros das trajetórias educativas mais bem-sucedidas. Ora, como sabemos, a tríade família-aluno-escola não pode ser desanexada numa abordagem sociológica sobre a excelência académica, até porque no quadro da atual sociedade da informação (ou se preferirmos do conhecimento) estas componentes se intercetam, redefinem e se interrogam reflexivamente.

Foi justamente neste cenário que pudemos observar, com alguma perplexidade, a não linearidade das transições da excelência do ensino secundário para o ensino superior. A constatação de desempenhos académicos muito abaixo do que seria expectável – apreendida a partir de uma autoavaliação feita pelos próprios alunos – fez direcionar o nosso enfoque para vertentes mais problematizadoras, admitindo-se que o ingresso no ensino superior, e eventualmente no curso desejado, fez dissipar a aura da excelência, dado o ingresso ter constituído a meta mais decisiva na definição das etapas ulteriores dos percursos educativos e profissionais. Mas outro elemento de análise permanece latente: a excelência atribuída no ensino secundário pode não ter resistido a outros patamares de excelência cristalizados no ensino superior e mascarar as estratégias da distinção académica atreladas aos desígnios conjunturais da política educativa, ou, se preferirmos, de uma peça competitiva no xadrez do emergente mercado educacional. Porém, outro flanco reflexivo se abriu no equacionamento dos percursos de transição dos alunos “excelentes” e que se traduziu na convocação das dimensões simbólico-culturais dos jovens enquanto alunos. Isto é, a hipótese de que a descoincidência dos resultados escolares entre os dois níveis de ensino resultaria de um afrouxamento das práticas de estudo nesta fase de vida, em muitos casos poderá ter correspondência com um processo de conquista de maior autonomia face ao espaço familiar e face aos limites impostos pelo anterior “ofício de aluno” (Almeida, Vieira e Alves, 2013). No fundo, poderemos admitir que o jovem enquanto aluno, que marcou o ensino secundário, daria agora lugar ao aluno enquanto jovem, vivendo um período de intensa experiência pessoal e social balizado pela socialização num futuro que se vai desidealizando, mas que é temporariamente amortizado pela envolvimento em novos desafios da cultura académica e estudantil.

Referências bibliográficas

- Almeida, Ana N., & Vieira, Maria M. (2008). Insucesso escolar: O caso das transições para o ensino superior. In M. Filomena Mendes, M. Luís Pinto & Mário L. Bandeira (Orgs.). *O declínio demográfico. Que mudanças? Actas do III Congresso Português de Demografia*. Lisboa: Associação Portuguesa de Demografia, 15 pps.
- Almeida, Ana N., Vieira, Maria M., & Alves, Natália (2013). Ponto de chegada ou (novo) ponto de partida? Entrada na universidade, experiência estudantil e dilemas da individuação. In Ana N. Almeida (Coord.). *Sucesso, insucesso e abandono na Universidade de Lisboa. Cenários e Percursos* (pp. 53-92). Lisboa: Educa.
- Pais, José M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.
- Palhares, José A. (2014). A excelência académica na escola pública: quotidianos escolares e não-escolares de jovens enquanto alunos. In Leonor L. Torres & José A. Palhares (Orgs.). *Entre mais e melhor escola em democracia: Inclusão e excelência no sistema educativo português* (pp. 5-26). Lisboa: Mundos Sociais.
- Perrenoud, Philippe (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Torres, Leonor L. (2014). A ritualização da distinção académica: o efeito cultura de escola. In Leonor L. Torres & José A. Palhares (Orgs.). *Entre mais e melhor escola em democracia: Inclusão e excelência no sistema educativo português* (pp. 27-48). Lisboa: Mundos Sociais.
- Vieira, Maria, M., Pappámikail, Lia, & Nunes, Cátia (2012). Escolhas escolares e modalidades de sucesso no ensino secundário: Percursos e temporalidades. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 70, 45-70.

ⁱ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/IVC-PEC/4942/2012 do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEEd), intitulado *Entre Mais e Melhor escola: A Excelência Académica na Escola Pública Portuguesa*.